

disse que as conclusões, apesar de inconclusivas, foram produzidas porque alguma investigação foi feita, mas acredita que tal acção foi cometida por soldados do Governo com dificuldades logísticas. Mutumuke ripostou e apelou para a audição de «testemunhas», o que foi de imediato rejeitado pela Renamo argumentando que não aceita tal sugestão porque poderia ser forçado a confrontar-se verbalmente com pessoas previamente escolhidas e preparadas pela Frelimo. O presidente da Comive preferiu encerrar os debates, muito acalorados, afirmando que os peritos militares devem prosseguir com as investigações para se apurarem os verdadeiros responsáveis deste ataque.

Sobre a actual ofensiva em todo o país pelo exército governamental, com o apoio das tropas zimbabweanas distarçadas com uniformes da Frelimo, Di Camerana referiu que embora os especialistas militares não tenham chegado ao local notificado pela Renamo, estes disseram não haver evidências de tal facto pelo menos na região de Inchope, até onde avançaram os peritos. 80 por cento das 60 violações dos acordos parciais de Roma notificadas foram atribuídas ao movimento rebelde armado.

De facto registam-se encarniçados combates em todo o território, só que os estrategos não querem fazer «barulho» à volta das actividades militares por razões estratégicas no âmbito diplomático:

1) a Renamo assalta e ocupa Iapala, em Nampula; uma semana após as tropas governamentais recuperam a vila; 2) as FPLM anunciam em princípio de Maio a retomada de Laleua, em data não precisa, depois de violentíssimos combates nos quais as forças armadas do Governo recorreram ao uso dos «órgãos stáline»; 3) uma unidade de «comandos» da Renamo invade o bairro de Catembe, arredores de Maputo, matando, acto selectivo, alguns líderes comunitários, incluindo um casal cujo mando era um agente da SISE (ex-SNASP) e efectua saques em lojas e residências; 4) outro «comando», incluindo um «destacamento feminino», ataca Tsalia, outro bairro periférico da capital, para efectuar saques. O grupo teve a «ousadia» de, na ida e volta, saltar por cima das trincheiras onde se encontravam posicionadas as temidas «forças de intervenção rápida» (polícia de choque) que, juntamente com outras forças militares e paramilitares, protegem alguns bairros da capital; 5) 500 «comandos» da Renamo invadem e ocupam, no passado dia 1, a rica e estratégica vila de Muiane, na provincia da Zambézia. Os atacantes são citados por fontes oficiais como não tendo molestado os residentes. Muiane, a 150 quilómetros da cidade de Quelimane, é um importante centro mineiro. Os atacantes foram três dias depois reabastecidos por uma avioneta não identificada; 6) dia 11 deste mês, a Renamo promove uma «exposição fotográfica» do seu líder na cidade de Nampula, a terceira mais importante do país. «Posters» de Afonso Dhlakama trajado a general são profusamente afixados em edifícios estratégicos e guarnecidos por forças de segurança. Dos locais seleccionados para a afixação dos posters e alguma propaganda política, «Viva Dhlakama» e «A vitória é nossa», figuram a Rádio Moçambique, Banco de Moçambique, filial do Banco Standard Totta, Electricidade de Moçambique, Jornal «Notícias» e Agência de Informação de Moçambique. Incursão política idêntica foi já efectuada em Maputo, concretamente na sede da Televisão Experimental de Moçambique (TVE-M) em princípios deste ano; 7) o «comissário político» da Renamo em Nhamagua, na provincia central de Manica, Zeca Saenthinfu, entrega-se com mais 12 civis às autoridades, alegando estar «cansado» da guerra; 8) o chefe militar da Renamo na provincia meridional de Gaza, general Gomes, morre em combate na região de Dindiza, forte reduzido durante muito tempo sob domínio militar dos rebeldes. As notícias da morte de Gomes são muito contraditórias. Civis que afirmam ter presenciado a ocorrência disseram a oficiais das forças armadas do Governo que os resgataram da base de Nalaze/Dindiza, na área de Chibugo, que ele foi atingido por um obus de morteiro. Outros afirmam que Gomes, muito temido pela sua «milagrosa capacidade» de estratega militar, tinha accionado uma mina antipessoal e, já a caminho de um lugar «mais seguro», um dos seus enfermeiros julgou que não tinha hipóteses de sobreviver e decidiu «ajudá-lo» a morrer. O sobrinho de Gomes, dizem, irritado com a atitude do enfermeiro, disparou sobre este e mais dois guarda-costas do tio que deixou 13 viúvas e numerosos órfãos.

Gomes, cujo funeral decorreu secretamente nas matas de Gaza, era considerado como um dos grandes estrategos da Renamo e consta que gozava de fortes simpatias da ala mais conservadora dos militares sul-africanos. Em 1985, quando circulavam notícias sobre a morte de Dhlakama em combates na Gorongosa, o nome do general Gomes surgiu como um dos potenciais sucessores do líder rebelde.

Chissano (JC) acusou dia 14 deste mês o líder da Renamo de condicionar a assinatura do acordo de cessar-fogo à atribuição de 10 a 12 milhões de dólares para campanha eleitoral e aquisição de instalações para os seus quadros. Falando durante uma audiência concedida a dirigentes da central sindical pró-Frelimo, OTM, eleitos em Novembro, JC disse que o dirigente da Renamo fez as solicitações a Manuel Bullosa (seis milhões), à direcção da multinacional Lonrho em Londres (sete milhões) e a mediação italiana (dez milhões). Victor Anselmo desmente JC e afirma que a Renamo não faz exigências respeitantes ao processo de paz nos bastidores mas sim na mesa de conversações.

Um dia antes, elementos da Renamo haviam atacado um bairro periférico, Chiango, causando alguns mortos e feridos (dez e cinco, respectivamente) segundo informação oficial. O corredor de Ressano Garcia, que liga a capital de Moçambique à África do Sul é um autêntico pesadelo, no qual se multiplicam incursões armadas contra comboios e na estrada da Moamba, que vai até à fronteira com a RAS, não cessam as emboscadas contra viaturas, o mesmo acontecendo na Estrada Nacional nº 2 que vai até à fronteira com a Suazilândia.

Renamo vs Frelimo

A Renamo e o Governo trocaram na Beira acusações mútuas de um ataque armado realizado este mês no bairro da Manga (periferia da capital de Sofala). O relatório dos peritos militares da Comissão Mista de Verificação do cessar-fogo parcial (Comive) refere ter-se tratado de uma acção de homens armados «bem equipados, de alta moral e bem comandados». A incursão não causou vítimas humanas e está registado como a violação nº 59 aos acordos parciais de Dezembro de 1990 em Roma entre o Governo e a Renamo, que confina as tropas zimbabweanas ao longo dos corredores da Beira e do Limpopo e veda naqueles pontos qualquer actividade armada. O presidente da Comive e embaixador da Itália em Moçambique, Manfredi di Camerana, assinalou não ter havido «consistência» por parte dos especialistas militares na compilação do relatório. O general Salvador Mutumuke, que representou o Governo no encontro da Beira, disse que as conclusões dos peritos militares contidas entram em choque com os depoimentos recolhidos junto da população e reiterou que do ponto de vista do Governo a Renamo foi a única protagonista do ataque. Em resposta, Anselmo Vitor, representante político da Renamo na Comive,